



CARTAS DE LIBERTAD EM UMA PRIMAVERA ROTA

ARIEL SALVADOR ROJA FAGÚNDEZ¹; DENISE BUSSOLETTI²

¹Instituto Federal Sul Riograndense – arielrfagundez@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – denisebussolletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O que venho lhes apresentar é parte de minha Tese de intitulada **Cartas de Libertad em uma primavera rota**, defendida no ano de 2019 na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Professora Dra Denise Bussolletti e desenvolvida junto ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Artes, Linguagens e Subjetividade, (GIPNALS). A partir da leitura de cartas emitidas do interior do Estabelecimento Militar de Reclusão Nº 1, mais conhecido como presídio de Libertad, localizado a 60 quilômetros de capital Montevidéu, e que abrangem os anos de 1972 a 1985, período que corresponde aos anos da última ditadura civil-militar na República Oriental do Uruguai, desenvolvi escrita de tese movida pela recorrente pergunta: Como contar essa história? Fundamentado nas Teses sobre o conceito de História, de Walter Benjamin, e na montagem literária como método proposto por ele, tramei uma narrativa que se reivindica como outra História, articulando literatura e teoria.

Através dessas cartas, busquei reconstituir caminhos que articulem historicamente o passado, como propõe Benjamin, rememorando as palavras pela caligrafia de alguém que assume a sua experiência de sofrimento, e que luta contra as suas causas, constituindo-se, portanto, no sujeito que Walter Benjamin considera capaz de compreender o que deve ser compreendido. O sujeito que pode conhecer o que os demais ignoram, portador de um olhar carregado de experiência e projetado sobre a realidade que todos habitamos.

Outra escrita da História, como sugere Benjamin talvez requeira a ousadia de dessacralizar os documentos. Adotando seu método de citação sem aspas e de montagem literária que, na condição de narrador vou incorporando ao longo desta escrita com a intensão de melhor demonstrar o que defendo.

2. METODOLOGIA

Quanto ao método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.¹

Tomando por base a obra **Primavera Num espelho partido** (BENEDETTI: 2009), apresento uma escrita que busca tramar literatura com a teoria, com o propósito de alcançar uma narrativa diferente da história. O que estabeleço não deixa de ser um jogo, uma conversa com a escrita ficcional de Benedetti, em homologia com fragmentos redigidos pelo detento 038. Nessa narrativa, desacralizo a obra de Benedetti como desacralizo as cartas de Libertad. Munido

¹ Walter Benjamin. Passagens, 2006. [N. 1a, 8], p. 764.



de uma tesoura saí em busca de fragmentos que me ajudem a compor esta história, interpondo diversas vozes, mostrando um pouco mais desses estilhaços, mantendo a crucial pergunta sem resposta: *o que resta de quem passou pelos porões da ditadura? Depois da violência e de tamanha humilhação, como acreditar no sonho? Em quem se transformam os presos políticos torturados? Em quem se transmutam seus amigos, conhecidos, familiares, filhos, amores? O que não se vai e permanece íntegro, após tantos exílios? Enfim, o que sobra de um espelho, quando ele se parte?*²

O suporte na literatura é por entender que somente ela poderia me devolver a ambivalência das palavras, buscando seus sentidos mais abrangentes que me auxiliaram na construção de uma escrita autoral que, em seu conjunto, mostram a articulação com a concepção de História proposta por Benjamin.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contar uma história, é essa nossa forma de luta. *Aliás, o narrador, que se revelará no momento oportuno, não disporia de meios para lançar-se num empreendimento deste gênero se o acaso não o tivesse posto em condições de recolher um certo número de depoimentos e se a força das circunstâncias não o tivesse envolvido em tudo o que pretende relatar. É isso que o autoriza a agir como historiador. É claro que um historiador, mesmo que não passe de um amador, tem sempre documentos. O narrador desta história, tem portanto os seus: em primeiro lugar os seu testemunho; em seguida, o de outros, visto que, pelo seu papel, foi levado a recolher as confidências de todos os personagens deste enredo; e, finalmente, os textos que acabaram caindo em suas mãos. Pretende servir-se deles quando lhe parecer útil e útilizá-los como lhe aprouver.*³

Para a elaboração da Tese, me utilizei de 125 cartas, todas lidas ao acaso sem respeitar a ordem cronológica de sua redação, todas, transcritas e algumas traduzidas. Em um segundo momento, com inspiração benjaminiana, resolvi agrupar o total de 275 fragmentos extraídos desse conjunto de cartas e dividi-los em quatro categorias:

Pájaros, onde contém a redação poética de Ruben. A pesar de que hoy domingo, por acá, el tiempo no puede ser peor, hemos tenido dias muy lindos.

Primaverales. Las golondrinas ya han hecho su aparición y com éllas, renace la esperanza de verte aparecer viejo, cualquier miércoles de estos.⁴ Ou ainda,

Aunque no puedo ver al sol en su salida, lo veo a través de los campos que empiezan a sentir su caricia. En la música con que los pájaros reciben al día, predominan la de gorriones y golondrinas. Aquí. Y viste que llamo música y no ruido, al canto de golondrinas y gorriones. A mí me gustan. Al gorrión lo identifico con la ciudad y con los pobres y mal vestidos y a la golondrina con los trotamundos. Se escucha también a algunos pájaros de monte o de campo que a esta hora se aproximan hasta nosotros. Me parece que el hombre es el animal que recibe com menos alegría al día.⁵

Sombras, Fragmentos de uma escrita que sugere mais do que revela; **O educador**, Ruben era um alfabetizador;

Esperanza, as palavras de otimismo e fé escritas por Ruben que sempre apontaram por um futuro melhor, apesar das circunstâncias.

² Maria Cecília Martins. O preso que sonhava, 2012, sp.

³ Camus, Albert. A peste. 4ªed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014, p. 12

⁴ DS. 27; 2, 44-47.

⁵ G. 17; 1, 34 – 45.

Esses fragmentos formam, por assim dizer, o fichário ou “working léxico”, um grande arquivo em forma de “hipertexto”, que é o banco de dados e a “caixa de construção” que me utilizei para esta escrita. Wille Bolle (2018), em nota introdutória ao segundo volume na edição de *Passagens*, de Walter Benjamin, lançado pela UFMG, demonstra como o crítico alemão organizava suas “notas e materiais”, parte central e mais volumosa das *Passagens*.⁶ O manuscrito é constituído de 426 folhas soltas, dobradas, resultando em fólhos de 14 x 22 cm. Benjamin escreveu nos lados 1 e 3 de cada fólho, deixando em branco os lados 2 e 4. Por orientação imposta à correspondência dos reclusos, Ruben escrevia em apenas um dos lados da folha, contendo no verso superior da mesma apenas a identificação do remetente. Em cartas que não seguiram essa orientação, adoto a letra “b” minúscula para indicar o verso da folha. Os documentos foram organizados em três pastas identificadas pelas iniciais dos respectivos destinatários⁷: Dom Sixto, (DS); Soledad (S); Gustavo (G). Como código de transferência, menciono primeiro a letra que identifica a pasta; na sequência, o número que indica a ordem da carta, seguido do número que assinala folha, seguida da numeração assinalando as linhas a que corresponde o fragmento. A numeração das linhas correspondem às cartas transcritas, que naturalmente diferem da ordem das linhas de uma carta manuscrita. Seguindo o caminho da montagem literária, essas referências forma indicadas em notas de rodapé.

4. CONCLUSÕES

Contar uma história. Éis nossa forma de luta! Há histórias que não fizeram parte da História. O que lhes apresentei, é uma demonstração das possibilidades e dos limites na busca por uma narrativa dentro do compromisso ético a que nos conclama Benjamin. O quê podemos intuir da leitura de trechos de cartas escritas por um professor primário? Redigidas em folhas pautadas, margem de 3 cm à esquerda escritas apenas em uma das faces do papel e não ultrapassando 25 linhas em cada folha como determinavam as normas estabelecidas pela instituição penal. Apesar dessas limitações da situação adversa, humilhante, de confinamento, de privação dos diretos e da liberdade, houve espaço para a poesia e a esperança. Uma pedagogia do conhecimento e da autonomia em 25 linhas. Quem sabe não encontraremos alguma sabedoria na experiência expressa em palavras escritas por um preso político, condenado a mais de 12 anos, cartas redigidas do interior das masmorras. O que teria para nos dizer um homem confinado, apartado do cotidiano do mundo e de sua rotina, tendo na escrita de cartas o principal contato com o mundo externo. Que proveito pode-se extrair de mensagens de um morto? Morto para a vida social, para a vida em família, vida em liberdade. Morto em vida. Um homem transformado em letras que nos conta de uma época em que abraços e gestos de afeto eram proibidos, pois, como já dizia Guimarães Rosa, se é verdadeira, bela é a história, se imaginada, ainda mais. Ruben Eriberto Roja era meu tio, irmão de meu pai.

⁶ FAGUNDEZ, A.S.R. **Cartas de Libertad em uma primavera rota**. 2019. 107f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Pelotas. p.16.

⁷ Wille Bolle. Título. Em Nota introdutória: **Passagens**, 2018. p. 653.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEDETTI, M. **Primavera num espelho partido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- BENJAMIN, W. As teses sobre o conceito de História. In: **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.
- BENJAMIN, W. **O Narrador**. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas VI**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama barroco alemão**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única: infância berlinense**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, W. **Sobre o Conceito de História**. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica: arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Camus, Albert. **A peste**. 4ªed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014
- ESTEFANEL, M. **El hombre numerado**. Montevideo: Prisa, 2007.
- FAGUNDEZ, A.S.R. **Cartas de Libertad em uma primavera rota**. 2019. 107f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Pelotas.
- GAGNEBIN, J. M. **História e narração em Walter Benjamin**. Campinas: Editora Estadual de Campinas, 1994.
- GAGNEBIN, J-M. **Apagar os rastros, recolher os restos**. In: SEDLMAYER, S., LISCANO, C. **El furgón de los locos**. 2ª ed. Montevideo: Planeta, 2014.
- LÖWY, M. **Walter Benjamin: Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARTIRANI, M. C. **O preso que sonhava**. Jornal Rascunho, v. 110, fev. 2012. Disponível em: <http://rascunho.com.br/o-presos-que-sonhava/>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- MATE, R. **Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin "Sobre o conceito da História"**. São Leopoldo: Unissinos, 2011.
- MISSAC, P. **Passagem de Walter Benjamin**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- PACIFICI, S.; ALZUGARAT, A. **Quisiera decirte tanto**. Montevideo: Rebeca Linke, 2015.
- PADRÓS, E. S. **Enterrados vivos: a prisão política na ditadura uruguaia e o caso dos reféns**. Espaço Plural, v. 13, n. 27, 2º sem. 2012, p. 13-38. Disponível em: http://revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/8570?fbclid=IwAR1qKbXrCROACyEOTb4VVlxHtQFhOn6ukaw0_G5DiySf_WQ1qge6Cm7BAwo. Acesso em: 16. out. 2018.
- PHILLIPPS-TREBY, W.; TISCORNIA, J. **Vivir en Libertad**. Montevideo: EBO, 2003.
- ROJA, R. **[Correspondência]**. Destinatários: familiares. Montevideu/Durzano, 1973-1985.
- ROSECOF, M. **Conversaciones con la alpargata**. 3ª ed. Montevideo: Arca, 1989.